

**“Uma criança não brinca só de papai-mamãe”:
um festim em celebração ao centenário de Deleuze e às *artistagens* de
Sandra Corazza**

ESTER MARIA DREHER HEUSER¹

Com prazer e emoção festiva este escrito celebra o meu encontro com duas vidas que marcaram a minha, afirmativa e indelevelmente. Gilles Deleuze (1925-1995) e Sandra Mara Corazza (1950-2021) chegaram a mim juntos, em março de 2004, no primeiro dia de aula do Doutorado em Educação, da UFRGS/Porto Alegre. Porém, foi em 2005 que nada mais seguiu como dantes: se fez impossível seguir lendo e escrevendo filosofia, nem mais professorando sem estar até a flor da pele envolvida no assunto e nas formas de expressão em variação contínua. Naquele ano, Sandra Mara Corazza² ofertou o Seminário Avançado intitulado: “*Anti-Édipo*: uma criança não brinca só de papai-mamãe”. Os estudos em torno do livro tinham como ponto de partida a exigência da realização de performances que deveriam ser inventadas pelos estudantes matriculados, para cada uma de suas partes. Hoje percebo que fomos impelidos a traduzir, transcriadoramente, essa obra que não se deixa apreender, que vaza por todas as bordas da língua e dos dedos, não sem deixar rastros. Era preciso “artistar” o livro, as aulas, a escrita e a vida. Diferir com rigor e humor, pois: “Não se estuda *O anti-Édipo*, se é estudado por ele [...] Não se estuda e não se ensina *O Anti-Édipo*. É difícil falar dele sem cair na exterioridade pura e racional, que corre o risco de destruir o texto.”, disse Corazza (2019, p. 178), na abertura do Seminário Especial, em maio de 2016, quando voltamos a ele, em Porto Alegre, e ela assim o definiu:

– *O Anti-Édipo* é um livro de enxofre, um livro louco, que possui a fascinação da loucura do mundo, que põe questões que a loucura – dos outros, e também, a nossa – nos coloca. [...] 5 – *O Anti-Édipo* é um mundo barroco de jogos, armadilhas, imposturas, impudicícias,

¹ Professora do Centro de Ciências Humanas e Sociais, Curso de Filosofia (Graduação e Pós-graduação), da UNIOESTE, *campus* Toledo. Coordenadora do GT Deleuze e Guattari da ANPOF (2024-2025). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5548908138476554>. E-mail: esterheu@hotmail.com

² Doravante SMC.

palavrões, astúcias, gracejos, sacadas, provocações, labirintos, sacanagem. 6 – *O Anti-Édipo* é um livro sexy, uma experiência erótica; é um livro sem vergonha, um livro vadio, vagabundo, vagamundo: tanto quanto um livro de filosofia pode ser. Um livro que dá o que pensar, que alucina. É um livro para não sedentários, para ler viajando, não pacificador [...] É um experimento delirante, esquizo-analítico. Uma aventura do desejo e da libido, de escrever e de ler (Corazza, 2019, p. 178, 179).

Dentre muitas coisas, o que este livro perigoso faz é nos jogar Ele, o onipresente, na cara. Mostrar que...

Ele está em tudo e em todos. Lugares, pessoas, relações. Sua marca é inextinguível, atávica e contagiante. Está entre pais e filhos; mestre e discípulo; patrão e empregado; governo e governados; analista e analisando; nas brincadeiras infantis; nas estruturas, no imaginário e no simbólico; na *Fantástica fábrica de chocolate*, requentada por um *Senhor Wonka* mais jovem e charmoso e por efeitos especiais merecedores de um *Oscar*. Todos se dobram a Ele. Também a sétima arte! Quem ousa não o fazer é transformado em trapo, separado do real e cortado da vida. Sua forma é triangular: papai-mamãe-ego. Santa Trindade. Dela se alimenta. Lei de consumo. É Dele que se trata quando se pensa, se fala, se escreve, se sonha, se fode. A Ele todos estão condenados. A Ele tudo é reduzido. Leito de Procusto. Mesmo que Ele não apareça, certamente está por perto, pois, às vezes, é imperceptível nas pulsões, afectos e relações, suas manifestações. O único ponto de vista autorizado é do Eu. Olhar para outros lados é a garantia da condenação por heresia. Excomunhão. Ele é a única e exclusiva medida para viver no caminho do Bem. Estrada limpa e certa, sem desvios. Um teatro antigo é o Seu templo. Nele são encenados mitos, tragédias e sonhos. Em todas as suas variações uma única história. A Verdade feita de três personagens apenas: Laio, Jocasta e Édipo. Mito unificador. Nada de delirar a história, os reinos, as raças, as culturas. Apenas papai-mamãe-eu. Filogênese familialista. É só uma questão de interpretação ou, de significância. De ter sua chave e saber usá-la; de saber desvendar os significantes dos sonhos e atos-falhos que, apesar de suas inúmeras variações, sempre remetem a Ele. Ele, habitante de mundo alhures feito de objetos globais e absoluta completude. Mundo este que está por trás do real e imperfeito mundo no qual rondam fantasmas produzidos pelo

desejo que só fazem aumentar a falta, incurável insuficiência de ser que é a vida. Neste mundo da falta, Ele tem seu representante, guardião da chave da interpretação que reafirma Seu império: o triste psicanalista, masturbador narcísico que vê todos os problemas da dolorosa condição humana na infância de cada um, no inconsciente desejo de matar o pai e ficar com a mãe, no impronunciável ‘pequeno segredo sujo’. Máquina de interpretação. Ele, sempre Ele, é injetado em todo o inconsciente até fazer parecer que todas as forças desejantes Dele emanam. Ele, o onipresente, está dentro e fora de cada um. Não há saída, todas estão fechadas por grades triangulares. O psicanalista, carcereiro do desejo, Seu fiel guardião, garante que Ele ganhe sempre, porque Nele acredita. Crença sufocante. Vitória garantida... a menos que algo fluído ou viscoso demais vaze. A menos que partículas e fluxos escapem. Mesmo que seja pelo buraco da fechadura, enquanto o carcereiro, já sonolento do seu próprio silêncio, não vê, não ouve, não fala, só faz ahã... ahã...

E o desejo infantil, será que escapa?

Acerto de contas com a psicanálise e liberação das forças do desejo infantil do despotismo edipiano. Em “Bestialogia”, capítulo de *Artistagens* (Corazza, 2006), o mais deleuziano dos livros de SMC, ela dirige-se a Freud para conversar e “eliminar todo o seu desgosto”.

Mas, desgosto de que?

Da bestialogia criada em torno da sexualidade humana, mais propriamente do caráter infantil que “toda” ela carrega; do pequeno-Édipo que supostamente arrastamos desde a infância – a pré-história do indivíduo –, o qual aprisiona a sexualidade, exclusiva e univocamente, à sua edipianização. Desgosto por Freud ter jogado “a infância num pântano luxuriante” (Corazza, 2006, p. 45). Desgosto dessa outra forma – que faz eco à religião – de julgar, depreciar, conjurar a vida e de amarrá-la a pesos arrastados desde o berço. Desgosto da vida mortificada.

O que fez Freud, sobretudo com a ajuda de Melanie Klein (até ela!), para tamanho desgosto de SMC?

Primeiro, inferiram, desde a análise de adultos, uma perfeita analogia deles com a infância, no que se refere ao inconsciente: impulsos sexuais e angústia são

comuns a ambos, assim como, igualmente, sofrem grandes decepções; e, o que é pior: sexualizaram o infantil, sem a participação dele. Segundo, a sexualidade atribuída ao inconsciente infantil foi uma sexualidade familialista, reduzida a pai, mãe, irmãos e avós – “natureza avoengueira que nada arrisca” (Corazza, 2006, p. 48) – acabando com sua “indeterminação e multiplicidade”, interditando outras possibilidades que investissem no campo social “através dos seus amores, em suas determinações econômicas, políticas, raciais, históricas, culturais” (Corazza, 2006, p. 51).

O que esse avô com “cheiro de morte” produziu?

SMC é direta: “produziu uma antropomorfia burguesa da sexualidade” (Corazza, 2006, p. 48), com desdobramentos que adoeceram a infância, tornando seu inconsciente culpado, castrado e incestuoso.

Como?

Recorreu à tragédia *Édipo-Rei* e infantilizou-o com uma fórmula que cada um de nós passou a reconhecer em qualquer criança – interiormente na família e exteriormente na escola, na comunidade, nas instituições: “desejo da morte do rival, que é a personagem do mesmo sexo, e desejo sexual pela personagem do sexo oposto; ou, sob a sua forma considerada negativa, esses desejos apresentados de modo inverso” (Corazza, 2006, p. 48). Não bastasse isso, SMC, a partir de muitas citações do próprio Freud e de Klein, mostra que a psicanálise forçou o “pansexualismo infantil a ingressar nas fileiras do inadequado” (2006, p. 48): “comparou o infantil com as prostitutas” e às “mulheres incultas”; “criou uma sexualidade predominantemente genital” e; “ensinou o infantil a ter medo da vida” (2006, p. 49). Porque Freud fez o pecado e a paranoia “girarem ao redor de uma Santa Trindade, no quadro do Édipo, do eu e da Família”, SMC o colocou na mesma trincheira de Comenius e da tradição, de pelo menos dois mil anos, pois suas conclusões em nada se distinguem do “estado pecaminoso do infantil” (2006, p. 50). Contudo, ela reconheceu que suas inovações e lições se distinguem daqueles, na medida em que Freud criou “uma potente máquina significativamente edipiana da infância. Uma máquina que não se farta de fazer prisioneiros [de Édipo]” (2006, p. 51).

Toda essa bestialogia, requentada e hipertrofiada pela psicanálise, serve de trampolim para SMC mostrar como funciona o infantil, aquele a quem havia declarado amor no ano anterior, em sua “Metainfanciofísica” (Corazza, 2005)³. Ela, como diz Paola Zordan, na orelha do *Artistagens*, “coloca os problemas de Édipo e vai ao festim dionisiaco para se fartar”. De braços dados com Deleuze e Guattari, faz do infantil “um contraveneno à besteira” psicanalítica (Corazza, 2006, p. 111) e afirma a natureza infantil do inconsciente. Mas não só, também reitera a orfandade, o ateísmo e o anarquismo próprios à natureza do inconsciente. É nesse momento que, então, saltam das páginas signos que indicam não ser SMC que se dirige a Freud e à psicanálise.

Mas que erro foi ter dito SMC!

Há um outro que olha através de seus olhos, que a força a escrever nesse tom estranho da escrita, inclusive da voz, mas, “sobretudo [estranho] no olhar, como se outros vissem através de seus olhos” (Corazza, 2006, p. 103). O rosto e o corpo de SMC abrigou – e sua escrita abriga – olhos vermelhos do Infantil, legítimo heterônimo dessa filósofa. O texto *Bestialogia* poderia estar assinado por “*Infantil*”. Um infantil farto da “explicação totalizadora para a infância”; enojado dos usos morais e judicativos da sexualidade humana que apagaram o “conteúdo social, político e cultural da sexualidade infantil”, aprisionando-a “aos investimentos familiares” (Corazza, 2006, p. 54); intolerante com a imposição de Édipo ser a única “morada sexual da libido e de papai-mamãe o máximo do erotismo”. O *Infantil* brada: trata-se de “desidiapinizar o amor demasiado humano” (Corazza, 2006, p. 56)! Não somos “adultos apequenados”, nada temos a ver com “o pecado sexual

³ Em uma verdadeira declaração de amor, expressa em uma “canção” inspirada em Zaratustra, SMC inventa múltiplos versos demarcando que o infantil, seu amado, não está, necessariamente, nem somente, na criança, mas em qualquer um, desde que em estado de devir-infantil – noção que ela cria para se distanciar, criticamente, da noção de devir-criança, de Deleuze e Guattari a qual está ainda muito vinculada à “cronologia, ao ideal, à essência, a características de um certo número de indivíduos” (Corazza, 2005, p. 45). Essa parte da canção dialoga diretamente com o texto “*Bestialogia*”: “Pois eu te amo, ó infantil! Infantil-harpa! Dedilha tua alegria! Tagarela com a alma! Apronta tolices com o instante! Diz disparates à vida! Zumbe insensatez! Zomba da ordem! Cultiva o caos dentro de nós! Caotiza-nos!” (Corazza, 2005, p. 77).

incestuoso” (Corazza, 2006, p. 58). Nossos fluxos desejantes de vida vazam pelas bordas “do círculo de papai-mamãe-eu”. Fazemos amor com mundos, com todos os reinos, inclusive com parentes! Sim, papai e mamãe compõem alguns mundos por onde andamos, só que não somos fantoches de Édipo e de suas leis.

Um convite ao riso é feito pelo *Infantil*: “agora, vamos rir”, sem ressentimentos nem vingança, “porque não é sobre essa terra que nascemos nem é nela que vivemos” (Corazza, 2006, p. 59). Ah, ah, ah, “nosso sexo é neutro e a nossa sexualidade está em toda parte [...] Constituímos verdadeiras falanges de *enfants* libidinosos que resistem a se deixar dessexualizar. Existimos misturados a vocês, ainda mais, em ações alheias a Édipo” (Corazza, 2006, p. 60).

No entanto, uma sombra recobre o riso do *Infantil*, uma tensão se instala no engendramento produzido por *SMC-Infantil*, seus olhos quase sangram quando os “inimigos naturais da sexualidade” são declarados: aqueles que serviram à moral religiosa, à psicanálise, ao humanismo; escravos de valores superiores orientados pelo ideal ascético que despreza o corpo – “os pais e mestres [...] tiras dos outros e de si mesmos, [que] ajustam contas com a própria infância, mas odiando-a, é certo, até a morte” (Corazza, 2006, p. 60, 61); com um “admirável interesse pedagógico” querem dominar “os seres imaturos”, a serviço de Édipo (Corazza, 2006, p. 60).

Mas é tarde demais, “nossa hora já chegou, investida de sua potência absurda. Hora de explodir a soldadura entre o mito e a sexualidade, o que libertou nossos *n* sexos” (Corazza, 2006, p. 61). Nosso empreendimento: “enxameação infinita”, transbordamento da nossa sexualidade para além das bordas familiares, para que escorra “para as imagens sociais, nas linguagens eletrônicas” e ganhe o espaço aberto da vida, “para a intrepidez de perspectivas infinitas” (Corazza, 2006, p. 62).

Empresa em progresso, às vezes com passos para trás, para que o salto seja maior.

Prudência.

Sabemos que não há garantias de êxito. Não há facilidades para nós. “Não zombemos deles! Não é nada fácil nos desidipianizar, nos desfamiliarizar, nos dessubjetivar” (Corazza, 2006, p. 62). O “Exército da Salvação na educação” é “imenso e profícuo” (Corazza, 2006, p. 15). Os desgarrados de Édipo são o alvo

principal: formam “bandos portadores de fluxos de vida, antes do que duplas heterossexuais [...] em busca de algo que é cósmico. Onde o desejo age, há grande alegria, produção, criação, felicidade, transformação do mundo” (Corazza, 2006, p. 59 e 63).

Atenção!

Os tiras estão de olho. Carcereiros do desejo miram para lá e já deram provas de que não, não “querem deixar de ser fascistas”. Por isso, é preciso que o *Infantil* que há em nós ouça o brado que vem desde uma prisão francesa, que ressoou por ruas e salas de aulas porto-alegrenses, e ricocheteou alcançando nossos ouvidos: “Infantis, mais um esforço, se quiserem ser revolucionários” (Corazza, 2006, p. 63). Ao que, desde Toledo, eu complemento: afastemo-nos de todo e qualquer “Exército da Salvação” que tem como alvo principal os desgarrados de Édipo, formadores de bandos, portadores de fluxos de vida em busca de algo que é cósmico, distante do juízo, da depreciação e dos pesos que querem nos fazer arrastar desde o berço.

Referências

CORAZZA, Sandra Mara. *Uma vida de professora*. Ijuí: Unijuí, 2005.

CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. Livro de enxofre. In.: HEUSER, Ester Maria Dreher. *Contra o juízo. Deleuze e os herdeiros de Spinoza*. Curitiba: Appris, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

Submissão: 26. 06. 2025 / Aceite: 30. 06. 2025